

O corpo como rascunho: reflexões sobre o corpo e a aparência na adolescência

José Pereira de Melo¹

RESUMO

O desenvolvimento de práticas que sejam responsáveis pelo desenvolvimento da beleza acontece em todas as sociedades humanas. Contudo, no momento atual, essas práticas atingem as pessoas de diferentes faixas etárias, inclusive adolescentes. Nesse sentido, o objetivo desse texto foi identificar como os adolescentes têm tratado este tema e, quais são as práticas que eles desenvolvem visando o alcance da beleza.

Palavras-chave: Corpo. Beleza. Adolescência.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Recebido em: 8 maio 2018
Aprovado em: 30 jun. 2018
Contato: melo@digicom.br

The body as draft: reflections on the body and appearance in adolescence

ABSTRACT

The development of practices that are responsible for the development of beauty happens in all human societies. However, at the present time, these practices reach people of different age groups, including adolescents. In this sense, the purpose of this text is to identify how adolescents have dealt with this theme and what practices they develop in order to achieve beauty.

Keywords: Body. Beauty. Teen age years.

El cuerpo como borrador: reflexiones sobre el cuerpo y la apariencia en la adolescencia

RESUMEN

El desarrollo de prácticas que son responsables del desarrollo de la belleza ocurre en todas las sociedades humanas. Sin embargo, en el momento actual, estas prácticas afectan a las personas de diferentes edades, incluidos los adolescentes. En ese sentido, el objetivo de ese texto identificar cómo los adolescentes han tratado este tema y, cuáles son las prácticas que ellos desarrollan buscando el alcance de la belleza.

Palabras Clave: Cuerpo. Belleza. Adolescencia.

As novas práticas sociais notadas pelas formas de ver, compreender e agir com o corpo no campo da educação física (e nas demais áreas das ciências humanas, sociais e da saúde), têm se apresentado como sintomas desta cultura de valorização da imagem, da transformação corporal, da gestão de si através de substâncias que possam controlar os humores, os comportamentos, os músculos, o rendimento, enfim, maximizar e potencializar o homem (CHAVES, 2009, p. 44).

INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea parece ser escrava da ditadura do corpo perfeito, na qual proliferam, a cada dia, novas possibilidades de intervenções para modificação corporal em atendimento às demandas postas pelos diferentes segmentos sociais em se aproximar da aparência corporal tida como mais aceitável na sociedade. Nessa busca do corpo perfeito, não servem somente os cremes e pós que em épocas passadas alimentavam os sonhos de beleza das nossas avós e mães, mas também recorrer aos avanços da Medicina Estética na oferta de inúmeros procedimentos que ampliam as possibilidades interventivas para modificar a aparência do corpo das pessoas, bem como buscar formas de intervenções atípicas, como o uso de substâncias ilícitas e bioquimicamente produzidas para uso em outras espécies, e não em seres humanos.

Nessa busca pela boa aparência, as “novas” práticas de agenciamento sobre o corpo seduzem todas as pessoas, não somente o segmento etário a partir dos 35 anos de idade, que historicamente recorria às intervenções para modificações da aparência, por exemplo, mas também pessoas em tenra idade e ainda em processo de crescimento e desenvolvimento da sua estrutura corporal. Segundo reportagem publicada no jornal Diário de Natal, no dia 27 de setembro de 2009, sob o título “Plásticas para jovens requerem cuidado extra”, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBPC) registrou no ano de 2008 a realização de 629 mil cirurgias plásticas, das quais 9% desse total foram realizadas em jovens até 18 anos de idade. Tal indicativo mostra a crescente busca dos adolescentes de ambos os sexos pelos meios para modificar a aparência do corpo, mas alerta-nos para o fato de que muitos não têm consciência dos cuidados que devem tomar e dos riscos que correm, em especial ao se deixarem levar pelos benefícios acelerados que alguns procedimentos prometem e/ou se submeter ao uso de substâncias que colocam em perigo sua própria vida.

Para ilustrar tal afirmação podemos recorrer às notícias de jornais que veiculam com frequência mortes de adolescentes em decorrência do uso indiscriminado de anabolizantes e mesmo de produtos veterinários. Noticiário publicado no jornal O Globo, no dia 16 de abril de 2009, com o inusitado título de “Anabolizante usado por adolescentes em coma em Goiás pode conter vermífugo”, relata o drama de dois jovens de 16 anos internados após a aplicação

de anabolizantes que pareciam conter vermífugo na sua fórmula, sendo de uso veterinário. A reportagem esclarecia que o estado de saúde dos jovens era gravíssimo e, segundo os médicos, "eles apresentam infecção grave nos braços, onde aplicaram o produto. Além disso, foi constatado comprometimento hepático, neurológico e renal. Eles correm risco de morrer". Outras reportagens republicadas em vários jornais dão conta do uso de injeções para cavalos, óleo mineral, entre outros produtos adquiridos em casas veterinárias.

Tais registros devem servir de alerta para pais e educadores, no sentido de esclarecer os jovens sobre os riscos que correm e o impacto desses produtos sobre sua estrutura corporal, bem como temos que refletir, além dos casos de mortes, sobre as síndromes e doenças que acometem a juventude contemporânea escrava da ditadura do corpo perfeito, como é o caso da bulimia, da anorexia e da Vigorexia ou Síndrome de Adônis. Esta se traduz na prática demasiada de exercícios físicos e, em muitos casos, no uso paralelo de substâncias anabolizantes para aumentar a massa muscular, entre outras síndromes. Assim, o presente artigo tem o propósito de refletir sobre o corpo e a aparência na adolescência, tendo-se como referência acontecimentos cotidianos que envolvem jovens no uso de substâncias ilícitas para potencializar sua musculatura e, por conseguinte, adquirir contornos corporais mais próximos do padrão de aparência veiculado pela mídia e/ou convergente com seus desejos e anseios do que seja um corpo perfeito.

O CORPO COMO UM RASCUNHO

Embora estejamos no exercício reflexivo sobre corpo e adolescência, não podemos esquecer que a ditadura do corpo perfeito orienta pessoas de todas as idades e de diferentes segmentos sociais, pois vivemos a era da aparência corporal, a qual deveria ser compreendida, em primeira instância, como “o modo de se apresentar e de se representar. Engloba a maneira de se vestir, a maneira de se pentear e ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, etc., quer dizer, a maneira cotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias...” (LE BRETON, 2006, p. 77). Mas no atual ordenamento social vinculado à ideia de perfeição das linhas corporais, a aparência passou a ser sinônimo de corpo remodelado, musculoso para os homens, esguio e “turbinado” para as mulheres.

O primeiro constituinte da aparência tem relação com as modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. Elas são provisórias, amplamente dependentes dos efeitos de moda. Por outro lado, o segundo constituinte diz respeito ao aspecto físico do ator sobre o qual dispõe de pequena margem de manobra: altura, peso, qualidades estéticas, etc. São esses os traços dispersos da aparência, que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado a revelia, numa categoria moral ou social particular (LE BRETON, 2006, p. 77).

As modificações corporais para atender o padrão do corpo ideal expressam os usos dos diferentes agenciamentos sobre o corpo, que o metamorfoseiam para atender o anseio individual e social, pois o olhar do outro como apreciador da aparência de cada um imprime ou não as marcas do pertencimento social e, em muitos casos, na conquista amorosa e sexual, por exemplo. Cria-se, a partir do valor atribuído à aparência, a ideia de que ela parece ser o único passaporte para a conquista, o sucesso profissional e a própria felicidade. Ao discutir tal aspecto, Le Breton esclarece que “essa prática da aparência, na medida em que se expõe à avaliação de testemunhas, se transforma em engajamento social, em meio deliberado de difusão de informações sobre si...” (LE BRETON, 2006, p. 77). Não é à toa que tanto se investe na boa imagem corporal dos homens públicos, em particular artistas e políticos, pois o corpo torna-se o outdoor para divulgar sua aparência como grande atributo das suas ideias e metas, mas, em muitos casos, vazias de atitudes éticas e valores morais. A moral, nesse caso, resume-se à apresentação física do corpo, em que “um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral das aparências que exclui, na ação, qualquer inocência” (LE BRETON, 2006, p. 78).

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens de corpo são divulgadas pelos meios de comunicação de massa e mídia eletrônica, exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias, entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (*corpo-outdoor*) (NÓBREGA, 2001, p. 54).

Nesse emaranhado social, as pessoas são levadas, conscientemente ou não, a buscar meios para reparar traços da sua estrutura física que não se adequam aos novos padrões corporais e submetem-se aos diferentes processos e métodos de agenciamento do corpo, o qual passa por vários procedimentos, como cirurgia estética; limpezas profundas de pele; implantação de silicones em várias partes do corpo, principalmente nos seios e nádegas; uso de botox e preenchimentos, entre outros.

O agenciamento do corpo pode ser considerado como o uso do corpo na sociedade contemporânea, dimensionado pela convivência, por vezes conflituosa, com as novas tecnologias de transformação corporal e produção de subjetividades. A produção da subjetividade é desterritorializada, havendo vários agenciamentos coletivos que compõem esta heterogeneidade. A subjetividade é polifônica, plural, caracterizando os agenciamentos coletivos (NÓBREGA, 2001, p. 54).

Percebe-se, dessa forma, como enfatizam Nízia Villaça e Fred Góes (1998), no livro “Em nome do corpo”, que pensar o corpo na contemporaneidade é, de certa forma, acrescentar na questão tradicional de aceitar ou não aceitar o corpo que se tem, a seguinte questão: como modificar o corpo e qual o limite das modificações? Nesse sentido, “os desenvolvimentos das ciências da vida oferecem a possibilidade ao sujeito moderno de

modificar seu corpo tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais da sua estrutura” (VILLAÇA; GÓES, 1998, p. 29).

É assim que para caracterizar o atual e crescente fenômeno das modificações corporais recorreremos à ideia apresentada pelo antropólogo francês David Le Breton sobre o corpo como um rascunho, cujos traços físicos são modificados conforme nossos desejos, nossas angústias e nossas próprias expectativas e perspectivas diante do outro e da sociedade, principalmente em relação à aparência.

O expressivo aumento no número de procedimentos realizados para correções estéticas dos corpos das pessoas e a multiplicação de recursos disponíveis nas ciências naturais para atender a demanda em diferentes faixas etárias e camadas sociais permitem-nos concluir que, na contemporaneidade, o corpo é visto como um objeto imperfeito, nas palavras de Le Breton, “um rascunho a ser corrigido”, pois “não é mais o caso de contentar-se com o corpo que se tem, mas de modificar suas bases para completá-lo ou torná-lo conforme a ideia que dele se faz” (LE BRETON, 2003, p. 22).

Nesse sentido, percebe-se uma rede complexa de fatores que influenciam a relação estabelecida com nosso próprio corpo, principalmente em negar sua estrutura física natural em nome de uma aparência corporal mais convergente com os ideais de beleza veiculados, em especial, pelos meios midiáticos. Não podemos esquecer, também, que a construção do corpo perfeito não é somente uma questão da própria pessoa, a qual envolve os elementos psicológicos relacionados à imagem corporal, mas é também uma questão social que tem no seu entorno uma série de cobranças em relação à aparência física e, ao mesmo tempo, uma bem organizada rede de vendas de produtos que constituem um verdadeiro mercado do corpo.

O corpo é então submetido a um *design* às vezes radical que nada deixa inculco (*body building*, marca corporal, cirurgia estética, transexualismo, etc.). Colocado como representante de si, ceppo de identidade manejável, torna-se afirmação de si, evidenciação de uma estética da presença. Sem o complemento introduzido pelo indivíduo em seu estilo de vida ou suas ações deliberadas de metamorfoses físicas, o corpo seria uma forma decepcionante, insuficiente para acolher suas aspirações (LE BRETON, 2003, p. 22).

Diante de tão farto arsenal para rabiscarmos nosso corpo com outras formas e termos uma aparência aceitável, tanto no aspecto pessoal quanto social, não é de se admirar que o fenômeno da aparência também tenha despertado o interesse de jovens e acelerado o interesse por modificar partes do corpo que lhes têm aversão e/ou potencializar partes que apresentam menor composição física, como é o caso dos seios e nádegas nas meninas e os músculos nos meninos, principalmente os peitorais e a musculatura dos membros superiores. Para tanto, submetem-se a diferentes tipos de agenciamentos, os clássicos vinculados às academias de ginásticas e os mais contemporâneos, com o uso de anabolizantes e as cirurgias para implante de silicone, tantos nas jovens mulheres quanto nos jovens homens. Tais práticas, em que

pesem os bons resultados obtidos e a satisfação dos jovens em decorrência desses resultados, também escondem um mundo paralelo de comercialização e o uso indiscriminado de produtos que foram concebidos não para o ser humano, mas para outros animais, como o cavalo, por exemplo. Diante do exposto, torna-se premente a articulação de vários segmentos sociais, principalmente os professores de educação física, no sentido de esclarecer os adolescentes sobre os riscos que eles correm ao se submeter de forma irrefletida aos meios de agenciamentos sobre o corpo para modificar sua aparência, principalmente àqueles que promovem resultados em curto prazo, como é o caso dos produtos veterinários.

CORPO E APARÊNCIA NA ADOLESCÊNCIA

A relação mais direta do adolescente com seu corpo é marcada pela observância do surgimento de modificações estruturais em muitas partes do corpo, em especial o aparecimento de pelos em várias regiões, aumento dos testículos e o crescimento do pênis nos rapazes; o arredondamento de quadris e o crescimento das mamas, entre outras partes, nas moças. Tal processo é decorrente de transformação física que é posta “em marcha por uma série de mecanismos hormonais, que desencadeiam um longo processo de modificações que apresenta um padrão diferente em ambos os sexos” (PALÁCIOS, 1995, p. 265).

Entende-se por adolescência o período de desenvolvimento entre os 12/13 anos até aproximadamente os 18 anos de idade. É uma etapa que os estudiosos do desenvolvimento humano denominam de transição, pois não se é mais criança e também não se tem as prerrogativas sociais de adulto. Na verdade, trata-se de uma fase da vida na qual o compasso de espera para exercer as funções de adulto gera muitos conflitos e dissabores. Não é à toa que a adolescência mostra-se como uma das fases mais delicadas do nosso desenvolvimento. Ao discutir as relações sociais na adolescência, em particular os aspectos relacionados ao conflito e à adaptação, Fierro (1995, p. 301) esclarece-nos que

o adolescente é caracterizado por um equilíbrio particular e delicado, que às vezes se transforma em desequilíbrio, entre a dependência e a independência, a autonomia e a heteronomia, a segurança e a insegurança em si mesmo, que se manifesta tanto à família, à autoridade ou a geração dos adultos, quanto a seus próprios companheiros e pares. A adaptação não é fácil e, com frequência, os mais velhos não contribuem para facilitá-la. O adolescente é visto como um problema, para si mesmo e, com frequência, para os demais.

A adolescência, assim, caracteriza-se por alterações marcantes de cunho biológico, mas não podemos desconsiderar que essas alterações, mesmo tendo um teor genético e hereditário, também são influenciadas pelo ambiente externo ao indivíduo. E este último fator não deve ser desconsiderado pelos adultos nem muito menos pelos professores de educação física.

Os fatores genéticos influenciam de maneira determinante as medidas lineares do corpo do indivíduo (altura, comprimento de membros, tronco), bem como a maturação esquelética e a sexual. No entanto outros elementos, como peso corporal, dobras cutâneas, perímetros, embora possam ser determinados geneticamente, podem sofrer certas modificações a partir de fatores externos, e isso ocorre com o adolescente quando idealiza outros “rabiscos” para o seu corpo.

Paralelo aos inúmeros conflitos gerados pela necessidade de adaptação do adolescente às normas e valores sociais, bem como pela indefinição do seu papel social, a adolescência também é marcada pela expansão dos espaços de interações sociais, em especial para se criar os vínculos amorosos de casal e a intimidade interpessoal. Dessa forma, a “adolescência é uma das etapas da vida em que mais atento se está ao próprio corpo, as suas características e desenvolvimento, as suas semelhanças e diferenças em relação ao corpo dos outros” (PALÁCIOS, 1995, p. 266). Na percepção que o adolescente tem do seu corpo e do corpo dos outros, surgem, inevitavelmente, as comparações físicas e a necessidade de autoafirmação diante do seu grupo, somado, ainda, à influência dos diferentes meios de comunicação na divulgação dos padrões aceitáveis de beleza.

[...] existe uma série de estereótipos de beleza, em relação aos quais o adolescente se valoriza, sentindo-se tanto mais confortável com seu próprio corpo, quanto mais este se conforme com esses estereótipos, e tanto mais incomodado, quanto mais afastado deles estiver, ou quanto mais se afastar daquilo que é habitual em seu contexto (PALÁCIOS, 1995, p. 267).

Diante da constatação dos modelos de beleza, da descoberta de alguma parte do seu corpo que não atende a tais modelos, fora o vínculo direto da aparência física como forte elemento no jogo de sedução, o adolescente passa a ser um forte candidato ao consumismo do corpo. E, dessa forma, pode se submeter às dietas, à musculação, às intervenções cirúrgicas e ao uso indiscriminado e ilícito de substâncias anabolizantes, muitas vezes sem medir as consequências dos seus atos na busca por uma aparência desejável.

Para ilustrar tais argumentos, realizei uma busca pela internet, em particular no site do *youtube*, na tentativa de encontrar vídeos que abordassem o uso de anabolizantes entre os adolescentes. Dentre tantos vídeos existentes, um me chamou a atenção, não pela sua produção, deveras amadora, mas pelo sugestivo título “A história de um gagoto [sic] feio”. Nesse vídeo, adolescentes comuns e sem muito talento artístico encenam a história de um rapaz franzino que é desprezado pelas meninas devido a sua aparência magra e sem muitos atributos físicos atrativos.

O jovem desolado procura o auxílio de um “professor” de musculação, que lhe receita aplicação de anabolizantes, os quais ele mesmo aplica diretamente na musculatura do braço esquerdo do rapaz e expressa a garantia de uma boa aquisição de massa muscular num curto período de tempo. A história vai sendo narrada, e o “gagoto feio” aparece com outra

aparência, rejeita as meninas que outrora o desprezavam e, num determinado momento, recolhido no seu quarto, começa a passar mal e é atendido por “atores” que passam por médicos, mas ele sucumbe aos efeitos devastadores dos anabolizantes. O vídeo é encerrado com a seguinte mensagem: “Gagoto teve tudo que queria... e como queria. Mas foi um prazer passageiro. Ele fez uma escolha irreversível, se rendeu à vaidade, substituindo sua saúde pela estética física. Gagoto, assim como inúmeras outras pessoas, acabou com sua vida no momento em que fez uma escolha fatal. A escolha de usar o tão falado, tão glorificado e tão mortal anabolizante”.

A história, embora encenada, na verdade retrata a realidade vivida por muitos adolescentes que buscam modificar seu corpo e recorrem a métodos mais eficazes para atingir o delineamento corporal em curto espaço de tempo, cujas consequências, em muitos casos, a exemplo do final, resultam em morte. As notícias de jornais são constantemente renovadas na divulgação de novos casos de mortes de adolescentes que recorreram aos anabolizantes e aos produtos veterinários, em especial vitaminas para cavalos e óleo mineral, para atingir rapidamente a hipertrofia muscular e ter a aparência de um homem forte.

Sabe-se que são inúmeros os motivos que levam as pessoas de diferentes faixas etárias a modificarem sua aparência, mas como na adolescência a situação tornou-se preocupante, urgem tomadas de providências para conscientizar os jovens sobre os riscos do uso de substâncias anabolizantes, bem como fomentar aulas de educação física na escola que promovam a tomada de consciência do corpo, em especial desenvolver estratégias de ensino que possibilitem a reflexão sobre os limites que se deve ter nas intervenções sobre o corpo.

Discutindo a relação Educação Física e esteroides anabolizantes, Chaves (2009) reforça a ideia de que o uso de anabolizantes tornou-se, a cada dia, mais frequente e normal pelos praticantes de atividades físicas, principalmente pelo pessoal da musculação. Referenciada por pesquisa realizada pelo antropólogo Cesar Sabino, na qual analisou o uso regular de esteroides anabolizantes num grupo de “marombeiros”, como se autointitulam alguns praticantes de musculação, a autora destaca duas categorias de drogas que povoam o universo disciplinar do culto ao corpo: dionisíacas e apolíneas.

As drogas dionisíacas seriam aquelas responsáveis pela perda do autocontrole (maconha, cocaína, heroína, etc.) normalmente relacionadas à violação dos imperativos morais básicos e das condutas sem limites. Os anabolizantes, no sentido oposto, seriam denominados de drogas de Apolo, remetendo a uma imagem de autodomínio, disciplina e racionalidade. Os usuários de anabolizantes necessariamente precisam associar o uso de drogas a uma rotina de exercícios pesados, rígido controle alimentar e hábitos sociais bastante restritos. A imagem apolínea emerge da forma musculosa com ausência de adiposidade, que em nossa sociedade circula com sentido de saúde (CHAVES, 2009, p. 45).

Notório destacar que o discurso de saúde disseminado pelos corpos sarados muitas vezes oculta os verdadeiros danos corporais causados pelo uso abusivo dos anabolizantes. Em artigo intitulado “Anabolizantes: perigo na adolescência”, publicado na Agência de Notícias R2PRESS, o jornalista Roberto Rabat Chame, amparado por consultoria do nutrólogo Euclésio Brangança, esclarece que “a lista de efeitos colaterais é enorme quando o seu consumo é associado ao treinamento físico intenso – entre eles, hipotireoidismo, esterilidade, problemas hepáticos, ginecomastia (crescimento dos peitos como se fossem de mulher), deficiência do bombeamento cardíaco, afetação da memória, aumento de colesterol LDL (colesterol ruim), alterações de comportamento (ex: acentua a agressividade), dependência e pode levar à morte”.

A ideia do corpo como um rascunho a ser redefinido parece ser, na adolescência, mais delicada e preocupante do que em qualquer fase do nosso desenvolvimento, pois os riscos são bem maiores, e os apelos publicitários e dos amigos seduzem rapidamente grande massa de jovens para frequentarem espaços onde prolifera indiscriminadamente o uso de esteroides anabolizantes. Ao reforçar os argumentos contra o uso de tais substâncias na adolescência, (BRAGANÇA apud CHAME, 2009, p. 1) esclarece que o anabolizante

Como é formado por moléculas bem completas, pesadas, o fígado precisa se esforçar muito para dar conta de processá-lo e pode ficar doente por isso. No adolescente, antes de completar seu desenvolvimento, o uso ainda pode levar o corpo a entender que já está adulto e os ossos param de crescer, causando baixa estatura e crescimento raquítico.

Ressalta-se, no entanto, que ao nos depararmos com uma situação em jovens que fazem uso de anabolizantes e/ou observarmos no nosso entorno social a existência de adolescentes com a estrutura física moldada em decorrência desse tipo de substância, é preciso termos cautela para não entrar de forma apressada no julgamento de valores sobre a atitude do adolescente, pois, na maioria das vezes, pautamos nossos pontos de vista no aspecto biológico que envolve a situação e, em linhas gerais, esquecemos de buscar compreender os motivos que levam o adolescente a tal prática e, principalmente, levantarmos os indicadores sociais que o influenciaram para termos uma intervenção pedagógica e um diálogo mais efetivo com os jovens.

Na ideia do corpo como um rascunho, devemos ter em mente que existem os princípios da necessidade e da vaidade, os quais têm um limiar bastante tênue, considerando-se o poder social da aparência na sociedade contemporânea. O relato de uma jovem de 18 anos que se submeteu a uma plástica para aumentar o tamanho dos seios exemplifica bem nosso argumento, pois ao ser questionada se sua atitude era de necessidade ou de vaidade, ela responde: as duas. Os seios pequenos eram, para ela, um incômodo, e após a recuperação da cirurgia, enfatiza: “Suprimindo uma necessidade, melhorei minha autoestima. Eu queria fazer desde os 15 anos, mas meus pais e familiares não aprovaram porque meu corpo ainda estava em desenvolvimento e eu era muito jovem”.

Portanto, ao refletir sobre corpo e aparência na adolescência, em particular na utilização de substâncias ilícitas e/ou no fato de recorrerem precocemente aos procedimentos cirúrgicos para remodelar o corpo, devemos compreender que o culto ao corpo é um fenômeno complexo e povoado de nuances, não apenas de ordem biológica, mas muito carregado de elementos psicológicos e socioculturais. Tais elementos precisam ser melhor compreendidos para estabelecermos um diálogo mais efetivo com os adolescentes e esclarecê-los sobre os riscos que correm na busca pelo corpo perfeito e a boa aparência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, fica patente a necessidade de os professores de educação física atuarem de forma mais ostensiva na educação formal dos adolescentes, principalmente em considerar o fato de que muitos jovens são induzidos para o uso de anabolizantes por parte de inescrupulosos profissionais da área. Para tanto, é necessário primeiramente compreender que sujeito é esse. Defendemos a ideia de que a compreensão sobre a adolescência transcende o aspecto biológico em que se espera que todos possam ser iguais, embora saibamos que mesmo nesse aspecto as diferenças são importantes. É necessário compreender o adolescente no contexto cultural e social em que está inserido, para que dessa forma as ações dos professores possam ser adequadas às suas características e principalmente às suas expectativas e necessidades. Sendo assim, penso que algumas ações são prementes e de responsabilidade de todos, principalmente os professores de educação física, mesmo as ações mostrando-se desafiadoras para a própria Educação Física Escolar, a saber:

- a) Garantir a presença da Educação Física no Ensino Médio;
- b) Compreender o fenômeno social de culto exacerbado ao corpo;
- c) Identificar os motivos que levam os jovens às modificações corporais;
- d) Discernir sobre os benefícios e os riscos (excessos);
- e) Conscientizar os jovens sobre o mercado de consumo do corpo;
- f) Implementar intervenções pedagógicas no âmbito da consciência corporal;
- g) Refletir criticamente, juntamente com os adolescentes, sobre a nossa condição corporal no mundo.

Dessa forma, nada melhor que operacionalizar tais ações dentro do conteúdo conhecimento do corpo, desde que o professor de educação física tenha em mente que o corpo não é apenas um amontoado de músculos.

O desenvolvimento do conhecimento do corpo é um processo que envolve múltiplas percepções por parte do adolescente, advindas das inúmeras relações que estabelecem com as pessoas que o rodeiam e das experiências sensoriais que recebem do meio.

Podemos supor que, ao chegar à adolescência, o trabalho deve ser voltado para ampliar e aperfeiçoar o conhecimento do corpo para além das questões sensoriais, mas adentrarmos também nos estudos de questões relacionadas às relações que se estabelecem com o corpo, principalmente vinculadas à imagem corporal.

Na adolescência, mais precisamente no ensino médio, precisamos aperfeiçoar os conhecimentos sobre o corpo, principalmente no sentido de possibilitar ao jovem uma compreensão mais ampla, não somente do seu funcionamento, mas também das suas relações e impregnações sociais.

Devemos entender que o conhecimento do corpo é um conteúdo abrangente e que as discussões aqui realizadas não esgotam o assunto. Podemos, também, imaginar que anorexia, bulimia, aparência, anabolizantes, adereços no corpo, entre outros, não temáticas instigantes que devem pesquisadas, discutidas e compreendidas pelos adolescentes, principalmente no sentido de esclarecer-lhes sobre as suas implicações na vida das pessoas. Vale ressaltar que, ao solicitar aos alunos pesquisas sobre esses assuntos, o professor não se limite às discussões teóricas, mas proponha sempre atividade vivencial para contrabalancear o momento pedagógico. Assim, se o professor for discutir os aspectos positivos e negativos da aparência ou das cirurgias plásticas, por exemplo, pode propor no final da aula uma sessão de ginástica facial.

Caso opte pelos estudos dos anabolizantes e solicite que os alunos pesquisem sobre o assunto, sugere-se a montagem de painéis, bem como se pode encerrar a aula com uma sessão de musculação em que se usa a sobrecarga do próprio corpo em diferentes exercícios. Após isso, discute-se com os alunos os efeitos da prática, como da flexão de braço, por exemplo, que se pode chegar à hipertrofia sem recorrer ao uso de anabolizantes, vulgarmente denominados pelos jovens de “bombas”. Eis uma grande contribuição que a educação física poderia prestar a juventude brasileira para melhor compreender seu corpo.

REFERÊNCIAS

CHAVES, Simone Freitas. *No labirinto dos espelhos: o corpo e os esteróides anabolizantes*. Niterói: Nitpress, 2009.

FIERO, Alfredo. Relações sociais na adolescência. In: COOL, Cesar; PALÁCIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LE BETRON, David. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papyrus, 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da educação física. *Motrivivência*, Florianópolis, ano 12, n. 16, p. 53-68, mar. 2001.

PALÁCIOS, Jesús. O que é adolescência. In: COOL, Cesar; PALÁCIOS, Jesús e MARCHESI, Alvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.